

SINAIS DE RECESSÃO

LUCIANA NAVARRO

DA EQUIPE DO CORREIO

O ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga classificou a crise financeira como dramática e afirmou que o mundo passará por "uma recessão prolongada que dependerá de cada país". A retração mundial será sentida principalmente pelo freio na economia chinesa. "Se a China, que crescia 12%, passar a crescer 7%, e o Brasil for da faixa de 5% para algo entre 3% e 2%, será uma sensação desagradável", disse. Fraga participou de audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE) junto com o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e um dos conselheiros do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os dois defenderam a adoção de uma política anticíclica capaz de reduzir os efeitos da crise. "Se a economia desacelerar rapidamente, não há outra alternativa para o governo manter o nível de emprego e renda no país", destacou Belluzzo. De acordo com o professor, há espaço para que os investimentos público sejam mantidos e possam, assim, impulsionar a injeção de recursos privados na economia.

"A intervenção dos governos é fundamental. O mercado financeiro está em colapso e o único balanço que resta é o do governo. Por isso, os países em que as contas não estão equilibradas sofrerão", disse Fraga. Para o ex-presidente do BC, os governos de cada país precisam atuar como agentes reguladores dos sistemas financeiros. "A auto-regulação não é



FRAGA (E) E BELLUZZO (D), SEPARADOS POR MERCADANTE: ECONOMISTAS QUEREM JUROS MENORES

suficiente. É indispensável o olho do governo, que é um ator isento", argumentou.

Segundo Fraga, são as desacelerações fortes que caracterizam a recessão. Na opinião de Belluzzo, os ajustes decorrentes da crise ocorrem tão rapidamente que nem sempre há tempo para as autoridades evitarem que isso aconteça. Ele confessou que seu maior temor é que a crise leve os países a adotarem medidas unilaterais que prejudiquem mais ainda a economia mundial.

Redução

Fraga e Belluzzo defenderam a redução dos juros. "O Brasil precisa de juros mais baixos, mas a situação cambial dificulta o movimento", ponderou o professor da Unicamp. Para Fraga, as taxas em alta são reflexo da fragilidade fiscal e da intensa expansão dos

emprestimos na economia nacional. "O crédito vai ter um ritmo de crescimento menor, o balanço de pagamentos vai se acalmar e o país vai se surpreender com queda nos juros", disse Fraga, destacando que a mudança não seria sentida no curto prazo.

Nas previsões de Fraga, a redução do ritmo de crescimento do Brasil vai diminuir a arrecadação, o que tira espaço para ações do governo. O ex-presidente do BC defendeu a realização de reformas que, em médio e longo prazos, poderão reduzir o tamanho do Estado e o déficit da Previdência. Ao avaliar a política econômica, o economista sugeriu que o mix poderia ser melhor com menos gastos públicos e carga tributária menor. "É um trabalho de guerrilha, de dia-a-dia, de procurar os gargalos, olhar os principais problemas e tentar reagir", analisou.